



Um olheiro das obras

ma do artelho, atravessando as ruas, lepida como uma radiosa Juno, mal pisando o asfalto. A bota reveste, então, uma solemnidade quasi sagrada. E' o seu luxo maximo, quando bem cingida á



O calcetamento por turnos

—Compro-lh'o, já lhe disse, e pago á vista. Quanto quer pelo sr. de Chateaubriand?

—Trinta francos.

Foi negocio concluido. No dia seguinte o mestre apresentava-se com os seus apetrechos em casa do



Um grupo de calceteiros

perna torneada, em pellica de lustro, em verniz ou em delicado e flexivel *chagrin*. Diz o dictado que pelo dedo se conhece o gigante; pois é pela bota que se conhece a lisboeta. Como seriam curiosas, para o estudo do pé alfacinha, as memorias de um calceteiro amavel! Mesmo porque esse genero de litteratura é o que revela mais verdade de documentação.

Não ha barbeiros que teem escripto as suas Memorias? Conhecem as do Figaro que teve a honra de barbear Chateaubriand? Chamava-se Pâques. A maneira como elle trou-



Britando a pedra

xe para a sua clientella o celebre auctor do *Genio do Christianismo* é muito pittoresca. Conversando um dia com um collega perguntou-lhe quaes eram os seus principaes freguezes, os de grande pólpa. O outro disse o nome de dois ou tres condes, outros tantos marquezes. E accrescentou negligentemente:

—O sr. visconde de Chateaubriand...

Pâques interrompeu-o logo.

—Compro-lhe esse...

—O visconde de...